

SÃO PAULO, JUNHO DE 2010.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS.

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA.

ALÉM DA INDUSTRIALIZAÇÃO



Proposta pedagógica: Os artesãos na São Paulo pós-fabril

Dos graduandos:

**Mario Francisco Simões Junior,
Grazieli Chirose Batista,**

**número USP: 6837644
número USP: 6837706**

Orientação: prof.^a Antonia Terra de Calazans Fernandes

¹São Paulo, estimulada pelo dinheiro do café, despontou como principal centro industrial do Brasil. O prefeito Antônio Prado iniciou uma ampla reforma na cidade, modernizando-a e saneando-a sob o comando dos médicos Vital Brasil e Saturnino de Brito (...).

No final do século XIX, em busca de áreas mais distantes do centro, loteou-se outra área para as tradicionais famílias ricas, o bairro de Higienópolis. Os novos ricos, homens que enriqueceram por meio do comércio e da Indústria, afluíam à recém-inaugurada avenida paulista (...).

Afastadas das áreas verdes e grandes avenidas e formando um aglomerado de cortiços e casebres, as moradias operárias concentravam-se nas áreas próximas das fábricas em bairros como Brás, Mooca, Belenzinho, Bexiga, Lapa, Ipiranga e Vila Prudente (...).

A transcrição acima de João Paulo Hidalgo Ferreira, selecionada sem maiores dificuldades, representa uma avaliação comum das transformações sociais ocorridas durante o processo de industrialização de São Paulo. Começamos por ela não porque acreditamos poder reduzir todas as abordagens deste processo à simples reflexos desta anterior. Pelo contrário, reconhecemos as diferenças e o valor de cada historiador ao posicionar-se e contribuir para o debate à sua maneira. Contudo, pretendemos demonstrar que este autor, assim como grande maioria dos historiadores, segue a lógica de manter seus estudos voltados para grupos e atividades economicamente dominantes.

Vejamos: basta um breve levantamento bibliográfico nos livros escolares para constatar que os contextos sociais e econômicos retratados em São Paulo, entre fins do século XIX e início do XX, giram preponderantemente em torno deste mesmo universo da indústria. Genericamente, nestes compêndios, constata-se a modernização da cidade, o emprego da mão-de-obra imigrante, o desvio do capital cafeeiro para as indústrias, o crescimento do operariado ou o fortalecimento da burguesia industrial. Entre muitos outros topoi historiográficos pudemos encontrar até raros autores, como Adhemar Marques, que abordam, mesmo que minimamente, a integração dos escravos (ou melhor dizendo, a marginalização destes²) no novo sistema de produção.

Este tipo de foco tornou-se algo bastante natural entre os historiadores considerando que desde a “morte” de uma historiografia clássica, objetivada nas ações de grandes personagens, o estabelecimento de ligações explicativas entre os fenômenos

¹ FERREIRA, João Paulo Hidalgo. Nova História integrada: ensino médio: volume único: manual do professor. Campinas, SP: Companhia da Escola, 2005. Pág. 413.

² “O preconceito, o subemprego, a marginalização, o desemprego, o analfabetismo e a pobreza eram apenas alguns dos problemas que estes teriam de enfrentar”. MARQUES, Adhemar. Pelos Caminhos da História. Curitiba, PR: Positivo, 2006. Pág. 550.

históricos tenha recaído substancialmente sobre os fatores econômicos, sociais e culturais predominantes em uma sociedade, seja por influência da Escola dos Annales, do materialismo histórico, ou de qualquer outra corrente metodológica moderna.

Podemos dizer que é quase sempre dentro desta mesma perspectiva que as abordagens das transformações diferenciam-se umas das outras. Estudaremos alguns exemplos mais adiante, mas podemos adiantar que enquanto alguns autores falam diretamente da conversão do capital cafeeiro para o processo de industrialização e o conseqüente desenvolvimento econômico, sem fornecer maiores distinções das camadas envolvidas no processo, outros historiadores procuram destacar as lutas de classes, dividindo didaticamente seus textos na explicação da formação e representação de cada setor. Observamos, neste último caso, a história do fortalecimento de uma burguesia industrial paralela à resistência do operariado que está “submetido à intensa exploração típica do industrialismo nascente³”.

Devemos reforçar, contudo, que estas formulações, sejam elas mais ou menos abrangentes quanto ao posicionamento das classes sociais envolvidas, giram sempre em torno da mesma perspectiva da história contada pelo desenvolvimento econômico e da interação das classes englobadas pelas atividades dominantes. É justamente este ponto que desejamos trabalhar em nosso projeto didático. Ao abordarmos o artesanato em São Paulo, perante a industrialização, procuramos demonstrar aos estudantes que os modelos explicativos acabam por suprimir especificidades e contradições inerentes ao corpo social e às próprias realidades econômicas estudadas.

Para tal, considerando que os historiadores necessariamente definem recortes e perspectivas para estabelecer explicações e relações entre os fatos, acreditamos que nenhuma abordagem histórica deva ser considerada “total”: Toda exposição é parcial. Não estamos aqui defendendo, e pretendemos deixar isto bem claro, uma visão da História como disciplina subjetiva, a mercê de qualquer relativização que não possa conduzir-nos a um conhecimento genuíno. Adversamente, como defende Benedetto Croce⁴, a História é união de conhecimento com reflexão, filologia com filosofia, depende de fatos e pensamentos e, neste sentido, assim como Edward H. Carr⁵, ao discutir os valores dos métodos positivistas e relativistas, acreditamos poder tirar o melhor de cada corrente. Em passagem inspirada, Carr compara a História com um fruto: Este seria composto de um

³ VICENTINO, Cláudio. História para o ensino Médio: História Geral do Brasil. Série Parâmetros. São Paulo: Scipione, 2005. Pág. 424

⁴ CROCE, Benedetto. Historia y crónica. In: Teoria e historia de la historiografia. Trad. Eduardo J. Prieto. Buenos Aires: Editorial Escuela, 1965. Pág. 11 a 22.

⁵ CARR, E.H. O historiador e seus fatos. In: Que é história? Trad. Lúcia Maurício de Alverga. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. Pág. 11 a 29

caroço de fatos sólidos, envolto por uma polpa de interpretações discutíveis. É nesta “polpa” mais maleável que encontraremos os recortes, a seleção dos agentes históricos, enfim, a reflexão que pode alterar-se de um historiador para outro. Sem esquecermo-nos, entretanto, que escrevemos sobre realidades concretas e conduzimos ao entendimento dos fenômenos sociais, políticos e econômicos. Compactuamos com Carr, por fim, ao dizer que “o historiador não é um escravo humilde nem um senhor tirânico de seus fatos⁶”.

Esperamos não parecermos presunçosos por termos levantado uma questão tão vasta e tão importante. O que nos cabe aqui essencialmente é delimitar que, aceitando a ideia de que nenhum texto, nenhuma obra, nenhum autor, poderá abranger totalmente uma realidade, pretendemos então combater um olhar “inocente” que os alunos possam vir a desenvolver acerca de seu material didático de apoio, que por melhor ou pior que venha a ser, está planejado para cobrir apenas uma parcela dos acontecimentos e personagens passados. Entra aqui o papel do professor em auxiliá-los a criticar e desmitificar os conteúdos apresentados. Despertar sua curiosidade para um mundo muito maior do que um livro pode contar.

É sob este pressuposto que direcionamos nosso trabalho: tomando então como exemplo as transformações sociais decorridas a partir do final do século XIX, e o negligenciamento dos artesãos, **“camadas sociais que, apesar de estarem presentes no dia-a-dia das cidades, não têm sido observadas e estudadas⁷”**, acreditamos poder levar adiante entre os alunos a compreensão de que existem inúmeras possibilidades de conhecimento histórico além desta industrialização, o entendimento de que toda uma realidade não se limita aos recortes determinados pelo historiador.

Falaremos dos artesãos, mas temos plena consciência de que não são os únicos esquecidos. Como dissemos anteriormente os escravos recém-libertos são raramente lembrados, e não são os únicos. Quantos se preocupam em falar do papel das mulheres no período? Onde estão as camadas mais pobres? É curioso que muitos historiadores ao explicar as transformações sociais dividam seu texto por camadas e, assim, falam da burguesia industrial, do operariado, e alguns poucos separam as classes médias. Explicitamente há uma lacuna nestas exposições. E as classes menores, a arraia miúda que permaneceu distante destas atividades predominantes? Com pouca representação política e econômica, sobra pouco espaço para eles nestas sínteses escolares.

⁶ “A relação do homem com seu meio é a relação do historiador com o seu tema. O historiador não é um escravo humilde nem um senhor tirânico de seus fatos. A relação ente o historiador e seus fatos é de igualdade e reciprocidade”. CARR, E.H. *Que é história?* 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. Pág. 28.

⁷ FERNANDES, Antonia Terra de Calazans. *Memórias de Ofícios: História dos artesãos em São Paulo*. Tese apresentada ao Programa de História Social, para obtenção do título de Doutor. São Paulo, 1997. Pág. 9.

Não queremos dizer com isto, que esperamos o absurdo de que um livro didático cumpra o papel de uma “enciclopédia universal”, mas do mesmo modo que fica claro a necessidade do historiador em selecionar temas e agentes históricos para compor suas explicações, explicita-se também a necessidade do historiador, e conseqüentemente do professor, de “assinalar que as realidades não são homogêneas e nem lineares. São contraditórias, diversificadas, múltiplas e heterogêneas⁸”. Desta forma, partindo de conceitos defendidos na tese “Memórias de Ofícios”, de Antonia Terra de Calazans Fernandes, pretendemos voltar o olhar dos alunos para a “percepção histórica das diferenças sociais e econômicas, que moldam as realidades de um espaço social”, em que, como completa a autora, “a predominância de um modo de vida não significa o completo aniquilamento de outros modos de sobrevivência e de trabalho⁹”.

Considerando que para concretizar este objetivo vamos nos utilizar do exemplo dos artesãos, resta então pontuar que, assim como Elizabeth Darwiche Rabelo, em “Os Ofícios Mecânicos e Artesanais em São Paulo na Segunda Metade do Século XVIII¹⁰”, não pretendemos realçar a importância econômica, social e política destas camadas. Se Elizabeth Rabelo considera que os oficiais mecânicos e artesãos representavam uma porcentagem insignificante dentro da estrutura profissional da época, no século XVIII, o mesmo nos parece válido para os artesãos do fim do século XIX, e do decorrer do século XX em diante. Como afirma Antonia Terra, “é evidente que o artesão está inserido numa sociedade que se estrutura através do modo de vida fabril e pós-fabril, que se expande para os valores sociais e econômicos¹¹”.

Trata-se de compreender, primeiramente, que a despeito destes ofícios não representarem um modo de vida predominante em nossa sociedade, “os artesãos estão vivos¹²”, continuam a existir e trabalhar ao seu modo, mesmo que inseridos em uma sociedade de valores opostos; e então, em um segundo plano, prover os alunos de uma maior percepção da profundidade da construção de um texto historiográfico. Constituído de recortes, posições, escolhas e rejeições.

⁸ FERNANDES, Antonia Terra de Calazans. Memórias de Ofícios: História dos artesãos em São Paulo. Tese apresentada ao Programa de História Social, para obtenção do título de Doutor. São Paulo, 1997. Pág. 209.

⁹ Idem. Pág. 10.

¹⁰ RABELO, Elizabeth Darwiche. Os Ofícios Mecânicos e Artesanais em São Paulo na Segunda Metade do Século XVIII. Revista de História. São Paulo, ano 28, 56 (112), out/dez 1977.

¹¹ Idem notas 8 e 9. Pág. 28.

¹² Idem. Pág. 216.

Os artesãos e o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo

Mediante a constatação de Antônia Terra de Calazans Fernandes de que são raras as menções aos artífices na historiografia brasileira, achamos interessante trabalhar as escolas profissionalizantes, um dos poucos contextos em que os artesãos são lembrados¹³. Não só porque estas instituições trazem a marca do artesanato e das artes em suas origens, mas porque diante do crescente processo de industrialização, absorvem gradativamente os ideais do novo modo de produção e passam a corresponder as exigências da formação de um proletariado qualificado para a indústria.

A partir destas escolas, portanto, acreditamos poder levantar problemáticas interessantes para a reflexão dos alunos. Elas nos ajudam a pontuar o debate sobre a presença, a permanência e a adaptação destas camadas artesãs; uma minoria que subsistiu às mudanças econômicas e sociais da cidade, como também às próprias transformações destas instituições, antes dedicadas à sua formação.

Tomemos o exemplo do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, responsável pela formação de marceneiros, serralheiros, pintores, mecânicos, entre vários outros ofícios. Fundado em 1873 por um grupo de aristocratas cafeeiros, inicialmente com o nome de “Sociedade Propagadora da Instrução Popular”, possuía caráter assistencial e objetivava, além da difusão das ciências, “participar do processo de construção da civilização brasileira¹⁴”. Após uma ampla reforma curricular em 1882, quando passaria a se chamar Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, tornou então a oferecer cursos profissionalizantes seguindo o modelo do movimento “Arts and Crafts¹⁵”, liderado por Willian Morris (1834-1894) na Inglaterra; valorizando o trabalho do artesão na indústria capitalista.

Esta centenária instituição, ao contar sua própria história¹⁶, de fato pontua suas origens na formação do pequeno artesão urbano, como vemos a seguir:

¹³ “Na produção historiográfica, o trabalhador artesão é mencionado, basicamente, em três contextos históricos: na sociedade colonial, quando eram chamados de “oficiais mecânicos” e submetidos à municipalidade; nas transformações da economia brasileira, no final do século XIX e início do XX, com a penetração da indústria, quando são identificados dentro dos pequenos ofícios urbanos em desaparecimento; e nas primeiras décadas do século XX, quando são enfocadas as escolas profissionalizantes”. FERNANDES, Antonia Terra de Calazans. Memórias de Ofícios: História dos artesãos em São Paulo. Tese apresentada ao Programa de História Social, para obtenção do título de Doutor. São Paulo, 1997. Pág. 11.

¹⁴ Idem. Pág.188.

¹⁵ “Arts and Crafts é um movimento estético e social inglês, da segunda metade do século XIX, que defende o artesanato criativo como alternativa à mecanização e à produção em massa. Reunindo teóricos e artistas, o movimento busca revalorizar o trabalho manual e recupera a dimensão estética dos objetos produzidos industrialmente para uso cotidiano”. Enciclopédia de artes visuais do Itaú Cultural: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm

¹⁶ http://www.liceuescola.com.br/conteudo_unico.asp?numero_materia=26603234045&id_subitem=421. Website do próprio Liceu de Artes e Ofícios. Ver seção “História do Liceu”.

“1º de setembro de 1882. A Sociedade introduz no currículo cursos profissionalizantes e passa a chamar-se Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Objetivo: formar artesãos e trabalhadores para as oficinas, o comércio e a lavoura”.

A partir do século XX, entretanto, o ensino profissionalizante passou a ganhar um sentido mais pragmático dentro dos novos modos de produção, ao ver-se envolvido pela atividade industrial em plena expansão. Com a necessidade de um ensino dirigido aos filhos de operários, de forma a garantir mão-de-obra qualificada para a indústria, vemos a crescente formalização do ensino profissional ao longo do século.

¹⁷“Todas as políticas governamentais estavam voltadas para o predomínio e o crescimento da indústria, que necessitava de mão-de-obra assalariada e não queria arcar com os custos da formação de um profissional durante anos de trabalhos práticos”.

Observamos então o Liceu de Artes e Ofícios, antigo defensor da indissociabilidade entre arte e indústria, romper com esta formação artesanal, colocando-se como suporte ao ideal de “desenvolvimento da cidade de São Paulo”. Seguindo, assim, o mesmo caminho do capital industrial e enquadrando-se nas políticas educacionais do século XX:

¹⁸“Ao longo das décadas de 50, 60 e 70, foram desenvolvidas políticas para o ensino técnico. Todas elas preocupadas com a formação de mão-de-obra para as atividades econômicas predominantes no país, como no caso da indústria. Nenhuma estava voltada para a formação de profissionais capazes de trabalhar em seu próprio negócio, montar sua pequena empresa, estabelecer-se como autônomo ou ter o domínio de todas as etapas na confecção de produtos. As políticas educacionais, ao longo do século XX, contribuíram assim para que, cada vez mais, o trabalhador se engajasse no sistema produtivo como assalariado”.

¹⁷ FERNANDES, Antonia Terra de Calazans. Memórias de Ofícios: História dos artesãos em São Paulo. Tese apresentada ao Programa de História Social, para obtenção do título de Doutor. São Paulo, 1997. Pág. 202.

¹⁸ Idem. Pág. 204.

De fato, a história do Liceu de Artes e Ofícios que apresentamos aqui, está imbricada com a história do artesão paulistano, como a própria instituição lembra-nos ao retratar suas origens. Atualmente, porém, nada resta desta realidade em suas atividades escolares diárias, senão a preservação de uma memória de outrora. As atividades de ensino profissionalizante subsistem hoje no Liceu apenas na formação de técnicos para áreas da eletrônica, mecânica, gestão administrativa e construção civil. Como vemos no desenrolar do século XX, prevaleceu a formação do proletariado assalariado e não a do trabalhador autônomo.

Será em face destas transformações internas (da própria instituição) e externas (da própria sociedade) que pretendemos lançar algumas problematizações para os alunos refletirem através de nosso projeto pedagógico, sem querermos, entretanto, fornecer respostas prontas que prevaleçam sobre os mesmos. Consideramos que mais importante do que a resposta ou o lado que venha a ser defendido nestas problematizações, é a percepção das tensões, das diferenças e todas as contradições que são inerentes a esta sociedade que estudamos, expomos e analisamos em nossa disciplina de História.

Proposta pedagógica: Os artesãos na São Paulo pós-fabril

Nossa proposta consistirá então, em um primeiro momento, em fixar junto aos alunos a relação que o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo estabeleceu com o processo de industrialização. Contextualizar, e então questioná-los: Onde e como a história do Liceu encaixa-se, ou não, naquela das habituais produções didáticas e paradidáticas das quais eles terão contato.

Depois, em uma segunda parte, utilizando-se de fotos e depoimentos de artesãos presentes no nosso dia-a-dia, questioná-los, instigá-los: “Esta camada de pequenos artesãos urbanos que vocês estão vendo, ela está sendo representada nos textos? E no Liceu? Por quê? De onde eles provêm? Quais mudanças podemos ver?”

Incitá-los a refletir e perceber que, a despeito das enormes transformações sociais causadas pela industrialização e da grande conversão populacional para as atividades fabris predominantes, de qual o Liceu também foi “vítima” e de que os textos tanto abordam, estes artesãos, com seu modo de vida e de trabalhar, subsistem entre nós; reiterando, então, a percepção de que os modelos e sínteses propostos pelos historiadores podem suprimir especificidades e contradições presentes na sociedade.

Vejamos melhor as atividades propostas:

PARTE 1

1ª Atividade: Visita ao Centro Cultural do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo

O Liceu de Artes e Ofícios possui desde o início do século XX, uma expressiva coleção de estátuas de gesso em tamanho natural, apresentadas em um espetáculo de “multivisão” (aliando tecnologias de computação e jogos de luzes e cores) nomeado “Arte e humanismo”. Dividindo espaço com esta coleção está a exposição “Trabalho de Mestres”, contando a trajetória do Liceu no período de 1895 a 1950. O acervo conta com painéis fotográficos, gravuras, desenhos, entre outros objetos produzidos no período. Uma prévia da exposição pode ser conferida neste vídeo institucional, produzido em 2007, contando um pouco da história do Liceu e apresentando o Centro Cultural:

<http://www.youtube.com/watch?v=UADfxWeEydw>

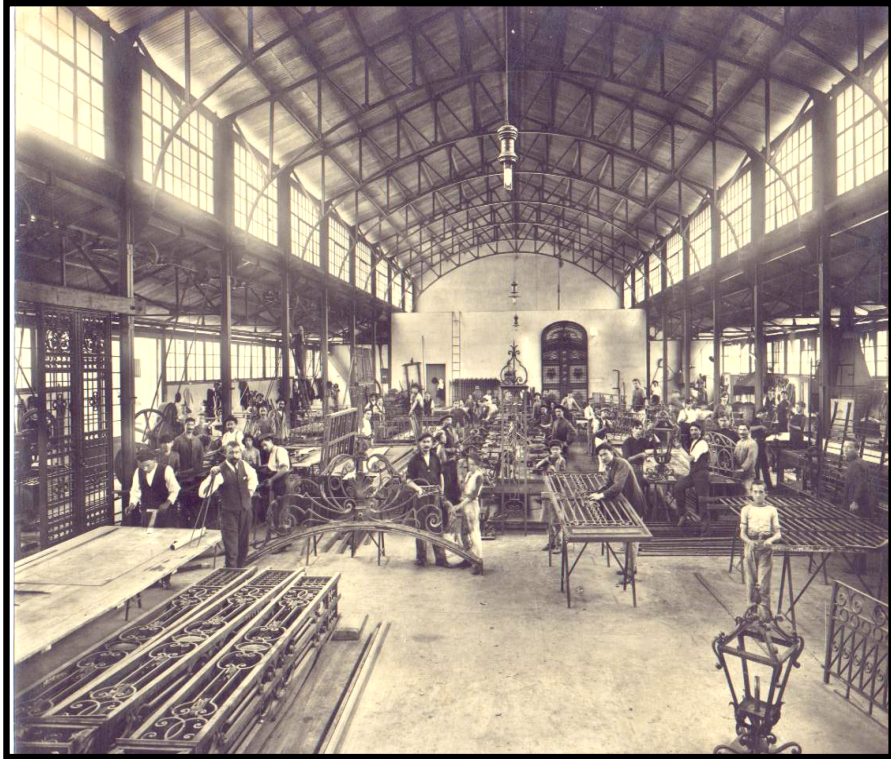
O agendamento de excursões, com a supervisão de monitores, pode ser feito pelo telefone: (11) 2155-3300 - das 08h00 às 18h. O Liceu de Artes e Ofícios fica na Rua da Cantareira, 1351 – próximo à Estação Tiradentes do Metrô.

Sugerimos também que os alunos leiam um verbete sobre o Liceu, presente na enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais, que pode servir de base tanto para a visita como para a realização das atividades propostas. O texto apresenta uma linguagem simples, boas referências bibliográficas e pode ser facilmente localizado no website:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm

Além disso, agradecemos ao **Arquivo do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo** por nos ceder algumas fotos digitalizadas que compõem a exposição de seu Centro Cultural. Elas seguem anexadas a seguir, assim como inseridas no CD em que entregamos este trabalho (em maior resolução). Elas podem ser disponibilizadas para ilustrar a situação de trabalho e aprendizagem destes artesãos, e até mesmo virem a ser úteis, junto ao texto mencionado acima, no caso de uma eventual impossibilidade de realizar-se a visita ao Liceu. Nesta situação, caberia ao professor ler o verbete e analisar as fotos junto aos alunos, antes de propor o exercício de redação que virá a seguir.

Segundo o próprio arquivo, as fotos das oficinas remontam provavelmente da década de 1930. Não houve maiores especificações. O e-mail para contato é: biblioteca@liceuescola.com.br





2ª Atividade: Proposta de redação

Ao final da visita com os alunos, o professor deverá selecionar ao menos um dos textos recomendados mais abaixo, sobre as transformações sociais decorrentes do processo de industrialização, todos retirados de livros didáticos, e pedir para os alunos realizarem uma breve redação, em casa, para levarem à próxima aula. O professor deve solicitar que os alunos estabeleçam conexões entre a história apresentada no texto didático, na exposição “Trabalhos de Mestres” do Centro cultural do Liceu, e com o verbete da enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais. Sugerindo para tal exercício, que eles reflitam no que há de comum, conflituo, ou ausente entre as versões. Esperamos nesta atividade que os alunos pensem a respeito das transformações ocorridas no Liceu e na sociedade, e como os artesãos se encaixam, ou são deixados de lado, no processo.

Bibliografia básica do aluno

Como já foi dito, no retrato predominante da sociedade urbana, do fim do século XIX e início do XX, figuram três personagens: burguesia industrial, operariado, e classe média. Selecionamos algumas sugestões de textos didáticos a serem utilizados a fim de fornecer aos alunos essa visão e, a partir dessa base, construir uma análise crítica do assunto. É importante salientar que tivemos predileção por autores que abordem as mudanças sociais, para assim destacarmos como dentre os recortes das camadas sociais, os artesãos e outras classes menores foram preteridas. Deixamos de lado autores como Luiz Koshiba¹⁹, cuja abordagem do período em questão é feita apenas a partir de aspectos econômicos.

Opções sugeridas:

1) **Ferreira, João Paulo Hidalgo.** *Nova História integrada: ensino médio. Volume único (Campinas, 2005) pág. 413.*

O texto de João Paulo Hidalgo sobre o assunto é sucinto; reserva um tópico em seu livro “*Nova história integrada*”, intitulando-o “A São Paulo moderna”, focando na descrição da disposição geográfica da classe operária e da burguesia industrial (“Os

¹⁹ História do Brasil no contexto da história ocidental: ensino médio. Luiz Koshiba, Denise Manzi Frayze Pereira 8 ed rev, atual e ampl.- São Paulo: Atual, 2003. Pág. 404 e 405

novos ricos, homens que enriqueceram por meio do comércio e da Indústria, afluíam à recém-inaugurada avenida paulista”), desconsiderando outros habitantes da cidade e fornecendo, assim, uma visão dualista marxista: classe operária versus classe burguesa. Seu texto contém uma abordagem mais superficial das transformações sociais.

2) **Vicentino, Cláudio.** *História para o ensino médio: história geral e do Brasil.* (São Paulo, 2005) pág. 423.

Cláudio Vicentino produz um texto mais abrangente que o anterior, discorrendo sobre as origens, condições de vida, e importância tanto social quanto política; mas de uma fatia da sociedade: se restringe à “grupos sociais urbanos (burguesia industrial, operariado, classe média) que se desenvolveram e passaram a ter uma importância inédita no país, convertendo-se, inclusive, em grupos de pressão política com atuação crescente”. Ou seja, faz um recorte político da sociedade e detém-se àqueles grupos que produziram maior pressão na política do século XX, excluindo minorias que julga não possuir alguma expressão.

3) **Marques, Adhemar.** *Pelos caminhos da história: ensino médio.* (Curitiba, 2006) pág. 551.

Adhemar Marques se propõem a fazer um apanhado da sociedade no período, se diferenciando dos demais por inserir, mas sem se aprofundar, a problemática da parcela da população formada por ex-escravos. No demais, acompanha as outras abordagens cujo papel principal continua a ser legado ao proletariado, burguesia industrial e a classe média, sendo o único dentre os autores citados a fazer uma descrição da classe média urbana e não apenas citá-la:

“De grande significado em relação às transformações sociais foi a continuação do fenômeno que vinha se verificando desde meados do século XIX e que se intensificou extraordinariamente no período inicial do século XX: o aumento apreciável da classe média urbana, formada por profissionais liberais, comerciantes, pequenos industriais, funcionários públicos, oficiais militares, etc”.

Parece ser o mais completo dentre os textos citados em relação à descrição da sociedade, pois chega a mencionar, ao menos, alguns setores que se mantêm desligados da produção industrial. Contudo, toca apenas superficialmente nestas subdivisões de classes e, assim como qualquer produção, planeja cobrir apenas uma parcela de fatos e personagens, sem expandir muito sua narração para fora destes horizontes das transformações sociais em torno da indústria. Não invalidando, assim como os anteriores, portanto, os objetivos de nosso projeto, como o de demonstrar aos alunos a impossibilidade de reconstituirmos uma trajetória dos artesãos, ou de outras classes menores, pelos meios didáticos convencionais.

PARTE 2

Reflexão acerca da atual situação dos artesãos

Nesta segunda etapa, em uma aula posterior à visita ao centro cultural do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e à elaboração da redação por parte dos alunos, o professor deverá disponibilizar a reportagem e as fotos que seguem abaixo:

Reportagem:

<http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL1385777-5605,00.html>

Do G1, São Paulo

29/11/09 - 07h25 - Atualizado em 29/11/09 - 07h41

Profissões antigas resistem ao tempo em São Paulo

Feiras ainda têm bancas para amolar facas e consertar panelas. Amolador de facas percorre ruas com o mesmo carrinho desde 1970.

A cidade de São Paulo, que costuma ser uma referência de modernidade no país, esconde traços que podem surpreender. Em meio aos grandes centros financeiros e de compras que fazem surgir novas profissões a cada dia, a metrópole abriga trabalhadores que exercem atividades cada vez mais raras, mas que ainda resistem ao tempo.

Quem passa pelas feiras da cidade não terá dificuldade em encontrar um consertador de panela ou um amolador de facas. Para Manoel Antônio Pedroso, de 69 anos, que conserta panelas e fogões há 50 anos, a profissão está longe de acabar. “Não falta serviço. O principal que está faltando é qualificação. Está acabando sapateiro, artesão de panela, porque os cursos são todos particulares e custam mais de R\$ 300 por mês”, diz.

Os clientes são tantos que Pedroso, mais conhecido como seu Manoel, trabalha de terça a domingo em feiras da cidade e ainda atende em domicílio às segundas-feiras. De acordo com ele, a profissão é cansativa, mas “dá para ganhar o pão”.

Segundo seu Manoel, o serviço exige qualificação e dedicação, mas é bastante recompensador. “Para você ter noção, os fregueses chamam a gente pelo nome. Já nem é cliente, é amigo. As panelas já não são só panelas, eles lembram da mãe, do avô. A panela tem valor sentimental”, diz orgulhoso.

Herança

Quem conserta panela ou fogões com seu Manoel não precisa se preocupar com o possível fim da profissão. Seu filho Marcelo Antônio Pedroso herdou o ofício. “Ele pegou amor pela profissão e gostou, porque você conhece pessoas, vai em restaurante, cada dia um lugar diferente. Isso é uma coisa que preenche a pessoa, cativa”, explica, acrescentando que pretende ensinar o ofício ao neto também. “É uma coisa que eu vou ensinar e vou fazer questão de pagar curso, independente de que carreira ele irá seguir.”

Já Geraldo Aparecido Borgo, alfaiate de 59 anos, diz não ter tido a mesma sorte. Dos cinco filhos que teve e criou com os rendimentos de sua alfaiataria em Santa Cecília, no Centro de São Paulo, nenhum seguiu a profissão do pai. Para ele, a profissão perdeu muito mercado, mas não vai acabar. “A clientela diminuiu, mas agora está voltando. O pessoal que estava comprando roupa pronta voltou a fazer sob medida.”, diz, explicando que as roupas compradas em lojas não podem substituir totalmente as feitas à mão pelo diferencial da qualidade.

Mudanças

Borgo, que é alfaiate há 47 anos, reconhece que muita coisa mudou em sua profissão neste período. “Mudaram os tecidos, a moda... Quando comecei, a máquina era manual, hoje é industrial. As peças eram chuleadas [acabamento dado nas bordas do tecido] à mão, hoje tem overlock para fazer isso.” Para ele, porém, o trabalho em si é o mesmo e as técnicas não mudaram. Por isso, ele ainda mantém alguns hábitos antigos. “Para algumas roupas como terno e terninhos, tiro as medidas e anoto à mão e não no computador.”

Para Annibale Giancola, a profissão não se transformou nada ao longo dos 53 anos em que trabalha como amolador de facas. O italiano de 73 anos, que veio para São Paulo ainda jovem, percorre as ruas dos bairros da Lapa, Pompéia e Perdizes diariamente com seu carrinho e apito para chamar os clientes.

Giancola aprendeu a profissão com os tios e os irmãos que o receberam quando ele chegou ao Brasil. Como não tinham estudado e mal sabiam falar português, ele e seus parentes encontraram no ofício uma forma de sobrevivência. “Meu tio inventou este carrinho para amolar as facas e depois fez um para mim. Cada um pegava um bonde e ia para um canto da cidade”, conta.

O carrinho que Giancola usa é o mesmo desde 1970 e os clientes já estão acostumados a ouvir o seu apito pelas ruas. O mecânico Gerson Tadeu Nhoncanse, um de seus clientes, conta que não sabe com quem irá amolar suas ferramentas quando Giancola se aposentar. No caso do amolador, as filhas não herdaram a profissão, mas pela disposição que ele mostra ao percorrer as ruas da cidade entre 7h e meio dia, de segunda a sexta-feira, ele não deverá parar tão cedo.

FOTOS



Marcelo Antônio Pedroso na banca onde ele e o pai consertam panelas (Foto: Gustavo Paiva/G1)



Annibale Giancola, amolador de facas (Foto: Gustavo Paiva/G1)



Aula de marcenaria do Centro de Formação de Artesãos Artes Nascentes do Parque Recreio, em Perdizes. Ver: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/parelheiros/noticias/?p=8556>



Instituto Leo Madeiras, fundado em dezembro de 2006, em São Paulo, dedica-se a promover programas educacionais de capacitação profissional na área da marcenaria. Ver: <http://www.institutoleomadeiras.org.br/>

Problemáticas:

Após ler a reportagem junto aos alunos e dar-lhes um tempo para observar as fotos, caberia ao professor mediar um debate de encerramento nunca impondo sua opinião aos alunos, mas procurando instigá-los à reflexão. Desta forma, várias problematizações podem ser colocadas pelo professor:

- Estas pequenas camadas estão caracterizadas nos textos didáticos sobre as transformações sociais do século XX? Sim ou não, Por quê?
- Até que ponto estas sínteses nos permitem perceber as especificidades desta cidade tão diversificada?
- Como estas camadas foram influenciadas pelo processo de industrialização?
- Quais são as semelhanças e diferenças entre estes trabalhadores, apresentados nas fotos e na reportagem, e os artesãos que eram formados pelo Liceu?
- Por que o Liceu de Artes e Ofícios mudou, e não apresenta mais cursos de marcenaria, serralheria, artesanato e outros ofícios em geral?
- De que forma todas essas mudanças são entendidas e recebidas pela sociedade? Elas são questionadas, valorizadas, ou encaradas de forma natural?
- Se os valores da sociedade estão envoltos pela noção de “progresso” e de trabalho segundo moldes industriais capitalistas, como podemos entender a subsistência destes grupos em nossa realidade? Como entender a existência não só da transmissão de ofícios por familiares, como descrito na reportagem, mas também por instituições e centros de formação, como os representados nas fotos?

Enfim, estes são apenas alguns exemplos de problematizações que podem ser levantadas pelo professor que, sobretudo, também deve dar liberdade para os alunos colocarem seus próprios questionamentos sobre o tema. Para encerrar o debate acharíamos interessante que o professor propusesse uma última reflexão em cima desta citação, já mencionada anteriormente:

“entre as tarefas dos historiadores está a de assinalar que as realidades não são homogêneas e nem lineares. São contraditórias, diversificadas, múltiplas e heterogêneas e, neste sentido, é possível explicar a presença do trabalho artesanal hoje e em outros tempos, enquanto convivência e interação com outros modos de vida predominantes (...)”. Antonia

Esta reflexão dos alunos poderia ser apresentada sob forma de uma nova redação, ou simplesmente discutida oralmente, encerrando o debate. Tudo conforme o que o professor achar mais pertinente e cabível dentro de seu programa de ensino e tempo de aula.

Por fim, não indicaremos aqui qual série deverá ser o “público alvo” deste projeto. Visando o ensino fundamental ou médio, consideramos que uma abordagem mais ou menos complexa dependerá muito da capacidade do professor em conseguir mediar as discussões da forma mais clara possível, considerando que os textos didáticos, assim como a reportagem e a visita ao Centro Cultural do Liceu, não contém informações ou uma linguagem excessivamente complicada. Desta forma, portanto, acreditamos que não só este projeto pedagógico, mas qualquer outra proposta que vise despertar uma visão crítica e contestadora acerca das realidades que observamos todos os dias, devem ser o mais cedo possível estimulada entre nossos estudantes.

Referências bibliográficas para o professor

FERNANDES, Antonia Terra de Calazans. Memórias de Ofícios: História dos artesãos em São Paulo. Tese apresentada ao Programa de História Social, para obtenção do título de Doutor. São Paulo, 1997.

CROCE, Benedetto. Historia y crónica. In: Teoria e historia de la historiografia. Tradução de Eduardo J. Prieto. Buenos Aires: Editorial Escuela, 1965.

CARR, E.H. O historiador e seus fatos. In: Que é história? Tradução de Lúcia Maurício de Alverga. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. Pág. 11 à 29.

PROST, Antoine. Doze lições sobre a história. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

Ver também:

Enciclopédia **ITAÚ CULTURAL DE ARTES VISUAIS**:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm

LICEU DE ARTES E OFÍCIOS DE SÃO PAULO

<http://www.liceuescola.com.br/>